

ARTIGOS PUBLICAÇÃO CONTÍNUA

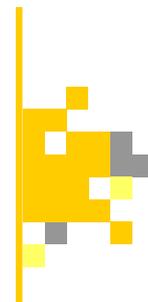
Tatiana de Souza Leite Garcia^I

Danúbia Caroline Barbosa de Mesquita^{II}

Victor Madeira de Souza^{III}

O conflito Rússia-Ucrânia e a (in)segurança energética na Alemanha

The Russia-Ukraine conflict and energy (in)security in Germany



RESUMO:

O conflito entre Rússia e Ucrânia, iniciado em fevereiro de 2022, expõe os históricos interesses de grandes potências em territórios estratégicos, deflagrando crises que perpassam as fronteiras dos países diretamente envolvidos. A proposta deste artigo é correlacionar os impactos que o conflito Rússia-Ucrânia ocasionou na Alemanha, especificamente a crise energética decorrente da diminuição do fornecimento do gás russo durante o primeiro ano deste conflito. Diante da conjuntura, o governo alemão acelerou seu plano por novas fontes de energias renováveis e ampliação de parceiros extrarregionais, a fim de responder às demandas dos sistemas produtivos e de sua população, que tiveram os hábitos de consumo afetados. As metodologias aplicadas foram a pesquisa bibliográfica baseada em livros, artigos, documentos oficiais de governos, relatórios de Organizações internacionais e textos jornalísticos, a análise documental com base no Eurobarômetro de 2022 (Comissão Europeia) e a aplicação de entrevistas com três cidadãos alemães e um brasileiro (residente na Alemanha há 10 anos), concedidas em junho de 2023, pelo meio digital.

Palavras-chave: Conflito Rússia - Ucrânia; Alemanha; Segurança energética

ABSTRACT:

Based on the theoretical approaches regarding Complex Interdependence and Energy and Human Security, the purpose of this article is to correlate the impacts of the Russia-Ukraine conflict, the challenges experienced by the German population in the face of the accelerating energy crisis and, with that, the German government's pursuit of for new sources of renewable energy, in order to respond to the population's demands. We also seek to analyze how and how much those impacts affected the habits and life perspective of the German population. The methodologies applied were bibliographical research based on books, articles, official government documents, reports from international organizations and journalistic texts, documentary analysis based on the 2022 Eurobarometer (European Commission) and the application of interviews with three German citizens and one Brazilian (resident in Germany for 10 years), granted in June 2023, by digital means.

Keywords: Russia - Ukraine conflict; Germany; Energy security

^I Doutora em Geografia Humana e Pesquisadora de Pós Doutorado no Departamento de Geografia pela Universidade de São Paulo; Consultora ad hoc, Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional, Brasília, DF, Brasil. tatianaslgarcia@yahoo.com.br,  <https://orcid.org/0000-0001-7582-0802>

^{II} Bacharel em Relações internacionais pela Universidade Anhembi Morumbi; Analista Sênior Administrativo/Financeiro, Grenke AG, São Paulo, SP, Brasil. danubia.cbmesquita@gmail.com,  <https://orcid.org/0009-0005-7010-9196>

^{III} Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Anhembi Morumbi; Analista de Research & Insights, 99, São Paulo, SP, Brasil. victormadeira13@hotmail.com,  <https://orcid.org/0009-0006-0413-3830>

INTRODUÇÃO

Os impactos do conflito entre Rússia e Ucrânia, iniciado em 24 de fevereiro de 2022, são de grandes proporções e em várias escalas, que têm afetado os civis desses dois países, mas também de outros lugares pelo mundo. Especificamente a Alemanha, que desde os anos de 1950, depende do fornecimento do gás russo para abastecer seu mercado destinado a calefação e aos sistemas produtivos, e diante da conjuntura do conflito supracitado e queda significativa no fornecimento deste recurso energético fóssil, se viu obrigada a acelerar os investimentos com vistas à sua segurança energética, tanto para fontes advindas de recursos fósseis, mas sobretudo para aquelas que se enquadram nos planos de transição energética-ecológica, como o hidrogênio.

O objetivo deste artigo é entender como o conflito entre Rússia e Ucrânia influenciou para a (in)segurança energética na Alemanha, afetando as condições de vida de sua população e impulsionando o governo a buscar alternativas para diminuir o nível de dependência do gás russo. Para isso, foram estabelecidas as seguintes questões norteadoras: (i) Em que medida o conflito Rússia-Ucrânia propiciou insegurança energética na Alemanha? ; (ii) Como o conflito acelerou para que o governo da Alemanha destinasse ações com vistas a buscar sua segurança energética com outras fon-

tes e outros fornecedores de gás natural?; (iii) Como a crise energética provocada pelo conflito Rússia-Ucrânia afetou o estilo de vida dos cidadãos alemães?

Como metodologia para o desenvolvimento deste artigo, utilizamos a revisão bibliográfica cujos temas centrais tratam do conflito Rússia-Ucrânia e segurança energética na Alemanha, procedemos com o levantamento de documentos que evidenciam a opinião pública sobre esses assuntos, os quais optamos pelo Eurobarômetro de 2022, produzido pela Comissão Europeia, e também realizou-se quatro entrevistas, sendo com três nacionais alemães e um brasileiro residente na Alemanha há 10 anos, os quais foram enumerados de E1 a E4, de acordo com a ordem cronológica da aplicação das entrevistas.

Na primeira parte do artigo apresenta-se um breve histórico da importância da Rússia na ordem regional euroasiática. Em seguida são apontadas conjunturas das relações entre Rússia e Ucrânia, que no princípio eram históricas e culturais comuns, porém tornou-se conflituosa e deflagrou no conflito em 2014 e 2022. Na terceira parte expõe-se porque o conflito Rússia-Ucrânia gerou impactos que transcenderam suas fronteiras, notadamente na Europa e Alemanha, este último em especial, que tinha um significativo grau de dependência do gás natural russo para abastecer sua economia e população. A quarta e a quinta partes

buscou-se identificar a percepção da população residente na Alemanha em relação ao conflito supracitado; para isso, foram analisados os dados do Eurobarômetro publicado pela Comissão Europeia em 2022, e foram aplicadas quatro entrevistas semiestruturadas com residentes na Alemanha (três alemães e um brasileiro). Ao final são apresentadas as considerações, porém cientes de que o conflito ainda permanece, enquanto a Alemanha está fortemente investindo para ampliar sua matriz energética e diversificar seus parceiros fornecedores de energia, sobretudo advindas de fontes renováveis.

BREVE HISTÓRICO DA IMPORTÂNCIA DA RÚSSIA NA ORDEM REGIONAL EUROASIÁTICA

A Rússia é o maior país do mundo em dimensão territorial, com cerca de 17 milhões de km², tendo a cordilheira dos Montes Urais escolhida como fronteira natural para dividi-la entre a porção asiática e europeia (Eurásia), e faz fronteira política com 11 países, a saber: Bielo-Rússia, China, Estônia, Finlândia, Geórgia, Cazaquistão, Coreia do Norte, Letônia, Lituânia, Mongólia e Ucrânia. A sua população é de aproximadamente 145 milhões de habitantes (IMUNA, 2023) composta por aproximadamente 193 grupos étnicos, sendo os princi-

pais os tártaros (3,72%), ucranianos (1,35%), bashkires (1,11%) e tchetchenos (1%) (RUSSIAN & BEYOND, 2013).

Historicamente, a relação entre Rússia e Ucrânia se dá desde a fundação da antiga *Rus de Kieve* que foi uma aliança formada entre os séculos IX e XIII, e integrava diversas tribos eslavas do leste europeu. Essa confederação possuiu um papel importante na formação das repúblicas da Bielorrússia, Rússia e Ucrânia que veem na *Rus de Kiev* o seu "mito fundador" (FREITAS; PAZ; DIAS, 2022). Segundo Costa (2015), historicamente a formação do território russo está entrelaçada à constituição da Rússia como Estado-Nação, cuja configuração do Estado e sua expansão se confundem com a movimentação dos limites fronteiriços.

Liderada por Ivan III, a Rússia Imperial teve a metade do século XV como um ponto de partida para sua expansão com o domínio do Império Mongol e a anexação da região hoje conhecida como Moscou, a atual capital russa. Nos séculos seguintes, fez várias movimentações estratégicas visando expandir seu território, especialmente durante o reinado de Pedro, o Grande, (1682-1725), e Catarina, a Grande, (1761-1796), importantes Czares do Império Russo (termo que faz alusão ao César do Império Romano). Essa forma de atuação foi notória ao longo da história e demonstra que o imperativo territorial é um fator que moldou a história russa, defendida até hoje pelo geopolítico

russo Alexander Dugin, conforme descrito a seguir:

A partir do século XV os russos emergem no panorama da história mundial como uma “civilização da Terra” e todas as linhas de força geopolítica fundamentais da sua política externa passam desde esta altura a estar sujeitas a um único objetivo: a integração do Heartland, o fortalecimento da sua influência na zona do Nordeste da Eurásia, a afirmação da sua identidade perante seu adversário mais agressivo: o mundo anglo-saxônico, a Civilização do Mar (DUGIN, 2014 apud COSTA, 2015, p. 6).

Costa (2015) destaca que o século XV foi um "divisor de águas" para o Império Russo no que tange sua visibilidade no cenário geopolítico regional e internacional. Esse período foi marcado por uma “europeização” da Rússia, iniciada com Ivan, o Terrível, e teve a sua continuidade com Pedro, o Grande, com a fundação da cidade de São Petersburgo no Golfo da Finlândia, tornando-a, em seguida, a capital do país, e considerada como ponto estratégico para maior aproximação com a Europa, introduzindo o estilo da corte europeia na sociedade russa. Ele fez com que os homens deixassem de ter longas barbas e incentivou o uso de novas roupas com design europeu. Além disso, deixou o calendário bizantino, estreou na mídia com o primeiro jornal impresso em 1703 e introduziu batatas e girassóis no território do império russo.

O expansionismo de Pedro I foi marcado

por grandes vitórias, como sobre o Império Turco Otomano, as anexações da Suécia, Lituânia, Estônia e da Letônia no Mar Báltico. Posteriormente, Catarina II deu continuidade às estratégias expansionistas chegando até a Sibéria e o Ártico, e a conquista da Criméia, que foi uma vitória importante em um território estratégico, devido ao acesso ao Mar Negro e às terras extraordinariamente férteis, que são ideais para a produção agrícola (GEORGE, 1970 apud COSTA, 2015 p. 9).

Em 1894, Nicolau Romanov assumiu o Império Russo após a morte de seu pai aos 49 anos, dando continuidade à dinastia Romanov que governou o império por mais de 300 anos. Neste período o Império era um dos maiores que já existiu, cobrindo cerca de um sexto da superfície do mundo. A principal forma de trabalho no Império Russo era a servidão. A industrialização estava entre as mais atrasadas, e os nobres burocratas, donos dos meios de produção, tentavam trazer os camponeses do campo para as cidades. O Estado russo exercia um regime absolutista absorvendo grande parte das riquezas produzidas pelo povo, o que acarretava não apenas a manutenção da situação de miséria vivida pelos camponeses recém-chegados de forma abrupta às cidades, quanto enfraquecia a base das classes possuidoras (TROTSKY, 2017).

Alguns fatos no início do século XX marcaram a história do Império Russo. A derrota contra

o Japão na Guerra Russo-Japonesa, que ocorreu entre 1904 e 1905, foi o prefácio da queda da dinastia Romanov, seguida de muitas greves e revoltas internas. Entre 1904 e 1914 houve várias pequenas revoluções lideradas por grupos distintos, como os mencheviques e os bolcheviques. Outro grande evento foi a 1ª Guerra Mundial, quando o Império Russo participou como membro da Tríplice Entente, ao lado da Inglaterra e da França, visando a manutenção de suas conquistas territoriais e apoio de os aliados a fim manter o seu prestígio na região (JEIFETS, 2015). Em fevereiro de 1917, após inúmeras manifestações, a família Romanov foi presa e um governo provisório foi instaurado na Rússia, levando ao fim da monarquia. Em 17 de julho de 1918, em Ekaterinburg, toda a família de Nicolau II foi assassinada a tiros e golpes de baionetas pelos bolcheviques. Nicolau foi o primeiro a morrer com tiro na cabeça, enquanto tentava proteger sua esposa e o filho mais novo, seguido pela morte de sua esposa Alexandra e suas filhas mais velhas, Olga, Tatiana e Marie (MASSIE, 2014). A Revolução Russa em 1917 e a vitória dos Bolcheviques em 1922 possibilitou a criação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, que durou de 1922 a 1991, composta por quinze repúblicas com a liderança dos russos (COSTA, 2015).

Durante este período estava acontecendo a Primeira Guerra Mundial (1914-1919), findada com o Tratado de Versalhes, no qual atribuiu-se à

Alemanha a culpa e os custos da guerra, determinando sanções e pagamentos, devolução de territórios e criação da Liga das Nações (HOBBSAWM, 1995). A Liga das Nações, criada em 1919, não contava com a participação das potências derrotadas na guerra, inclusive sem a Rússia bolchevique, que também não se tornou membro porque foi tratada como um Estado pária e impedida pelas potências ocidentais (KENNEDY, 1989 APUD GARCIA, 2000). Além disso, os Estados Unidos também não participaram da Liga das Nações, porque o Tratado de adesão não foi ratificado por seu senado, inviabilizando política e economicamente a eficácia da instituição internacional recém-criada, apesar de ter sido proposta por seu presidente Woodrow Wilson.

O Tratado de Versalhes, ao rebaixar, humilhar e minar as possibilidades do reerguimento da Alemanha gerou condições terríveis para seu povo, fomentou crescentes sentimentos de revanchismo e ultranacionalismo em sua população que abririam espaço para a ascensão do nazismo, cerca de uma década depois. Concomitantemente, ainda em 1919, veio o fim da era imperial alemã e a proclamação do primeiro governo democrático no país - a República de Weimar, que durou até o ano de 1933. Em 1934, o presidente morre, e Hitler se torna chefe do Estado Alemão, dando início ao governo totalitário que, junto às ondas de fascismo e nacionalismo que ocorriam em parte da Europa

durante esse período, deu início, em 1939, à Segunda Guerra Mundial, visando a expansão do poder, do território e da grandeza alemã que teria sido retirada pelo Tratado de Versalhes. Neste período, destacam-se as forças armadas soviéticas, que tiveram resistência heroica à invasão nazista em meados de 1944 e a sua entrada triunfal em Berlim em maio de 1945. Mesmo com o término da guerra, ainda que não tivesse ocorrido de maneira formal, foi marcada com o lançamento de duas bombas atômicas norte-americanas sobre as cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki (HOBBSAWM, 1995).

A nova ordem internacional após a Segunda Guerra Mundial foi caracterizada como bipolar, por ter sido moldada e disputada por duas superpotências - Estados Unidos liderando o polo capitalista e a URSS liderando o polo socialista. Desde então, até o fim da década de 1980, o sistema internacional passou a ser dominado pelos interesses e agenda de segurança destas potências, cujas disputas ideológicas foram desdobradas em desenvolvimento científico e tecnológico, como a Corrida Espacial, o tensionamento durante a Crise dos Mísseis, a divisão espacial da Alemanha em Oriental e Ocidental, os investimentos econômicos e políticos em ditaduras nos países subdesenvolvidos, e o apoio em guerras regionais, como ocorreu no Vietnã e Afeganistão.

No entanto, o modelo soviético começou a

ruir na década de 1980, sob pressão de problemas econômicos, políticas repressivas e movimentos de independência em algumas repúblicas soviéticas. As reformas de Gorbachev, como a "Perestroika" e a "Glasnost", não conseguiram revitalizar o sistema soviético, que acabou por colapsar devido a conflitos internos da URSS e levou ao fim da Guerra Fria, em 1991, reduzindo as tensões bipolares das décadas anteriores e alterando o panorama do Sistema Internacional por completo, possibilitando que os Estados Unidos assumisse como ator hegemônico em uma nova ordem unipolar, porém chamada de multipolar porque os assuntos de segurança não tinham mais tanta relevância na agenda internacional, e novos temas e atores passaram a ganhar visibilidade.

Todavia, na virada para o século XXI, o atentado às torres do World Trade Center e ao Pentágono nos Estados Unidos, no ano de 2001, deflagrou uma nova ordem internacional e as questões relacionadas à segurança voltam ao topo da agenda. Os Estados Unidos e seus aliados infringiram a soberania do Afeganistão e do Iraque, com a justificativa de "guerra ao terrorismo" e uso da força para mediar o estabelecimento de governos democráticos nesses países. Rapidamente, novos centros de poder passam a emergir nas primeiras duas décadas do século XXI, como o surgimento da China como protagonista, com crescimentos econômicos galopantes, a União Europeia, arran-

jos regionais ou multiestatais, como os BRICS, que configuraram um novo contexto multipolar, caracterizado pela dispersão de poder e pela crescente interdependência econômica e política, e redefinindo novamente as dinâmicas da ordem internacional.

Neste cenário, o reerguimento da Rússia como potência regional e internacional nos últimos anos têm influenciado as relações internacionais para uma ordem tripolar (EUA, Rússia e China). Vladimir Putin têm ocupado cargos contínuos na Rússia, seja como presidente ou primeiro-ministro, desde 1999, e a forma como têm conduzido a política externa do país possibilitou à Rússia reviver a crença de seu 'destino manifesto' entre as grandes nações e maior potência terrestre.

Segundo Roseira (2023) a prioridade do governo russo é preservar sua integridade territorial e projetar sua influência nas áreas estratégicas do Leste Europeu, Cáucaso, Mar Negro e Ásia Central. Um dos principais meios de influência econômica e militar utilizado pela Rússia nessas regiões é de herança tecnoindustrial comunista, presente no segmento bélico contemporâneo. Contudo, no que tange ao entendimento da natureza do poder internacional, a racionalidade geopolítica russa dos tempos atuais é tributária do czarismo.

De acordo com Costa (2015), nessas primeiras décadas do século XXI, o governo russo tem articulado minuciosa estratégia de recuperação de

parte dos territórios perdidos pela Rússia com o fim da União Soviética. Os seus alvos são ex-repúblicas soviéticas, em especial a Ucrânia e a Moldávia no Leste Europeu, a Lituânia, a Letônia e a Estônia no Báltico, e a Geórgia e a Armênia no Cáucaso. O autor argumenta que a diplomacia das armas mostra a centralidade da indústria da defesa na geopolítica de Putin.

A progressiva influência da Rússia pode ser observada na posição de diversos países na Organização das Nações Unidas (ONU) em relação à Guerra da Ucrânia. A votação na Assembleia Geral da resolução de 24 de março de 2022, que condena a invasão russa, contou com 141 votos favoráveis, 05 contrários e 35 abstenções (UNITED NATIONS, 2022).

A Teoria do Poder Terrestre proposto por Halford John Mackinder em sua obra "The Geographical Pivot of History" (1904) é utilizada pela Rússia para justificar suas ações frente às possíveis ameaças, principalmente no que tange à atuação da OTAN na região do entorno estratégico russo. Dentre os cientistas políticos que se utilizam desta teoria, Aleksandr Dugin, utiliza a Teoria do "Heartland" mackinderiano, que explicita a importância do "coração continental da Eurásia, ou seja, fundamenta sua crença na ascendência russa sobre o continente eurasiático a partir do conceito de "Heartland", ou seja, o controle do "coração terrestre da Eurásia", como ferramenta necessária

à Rússia para garantir posição privilegiada no jogo das grandes potências. Prestigiado nos círculos de poder, o resgate das teses de Mackinder por Dugin inspira a nova política de segurança do governo russo (ROSEIRA, 2023; FREITAS, DIAS, PAZ, 2022).

Ao analisar geoestrategicamente a posição do “Heartland” Euroasiático, a Ucrânia está localizada como peça-chave para o controle estratégico do coração eurasiático. Para Santos (2022), o espaço ucraniano é fundamental para a manutenção da hegemonia regional russa por dois pilares: a riqueza de combustíveis fósseis, como o gás natural, o petróleo e outros recursos naturais (como o minério de ferro, por exemplo); e também a localização geográfica - sendo o país que possibilita as trocas comerciais entre a Europa, países que em sua maioria são aliados dos EUA e membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte - OTAN; e diante da economia asiática em ascensão, puxada principalmente pela China.

Para além da posição estratégica do território ucraniano, o país também era um importante parceiro comercial russo, cujas exportações russas já chegaram a \$6.62 bilhões de dólares e importações para a Rússia em torno de \$4.69 bilhões de dólares. O comércio entre ambos era feito, principalmente, de gás natural e minérios, como ferro e aço (OEC, 2022 apud SANTOS, 2022).

Considerando a importância da Rússia na ordem regional e internacional e sua relação estra-

tégica com a Ucrânia, a seguir apresentar-se-á a histórica e problemática relação entre esses dois países.

A HISTÓRICA E PROBLEMÁTICA RELAÇÃO ENTRE RÚSSIA E UCRÂNIA

A Ucrânia pode ser considerada uma peça importante no tabuleiro regional; uma vez que a história da Ucrânia com o Império Russo se dá desde 1783, quando a Czarina Catarina II anexou o território da Crimeia, tornando-a parte da Rússia até 1954. Durante o governo de Nikita Khrushchev, com intuito de conseguir apoio da região, em virtude das suas ambições de se tornar o sucessor de Stalin, concedeu a Crimeia para a República Socialista Ucraniana (RRS) como um símbolo de amizade. Neste período, outros aspectos estavam sendo observados de perto, como a questão dos gasodutos e a especulação da existência significativa de hidrocarbonetos na plataforma do Mar Negro (WOOD *et al*, 2016 p. 22).

No que tange a relação da Rússia com as ex-repúblicas socialistas soviéticas, a Ucrânia pode-se dizer que é o “calcanhar de Aquiles” dessa potência terrestre. Estabilizou-se como Estado após a Primeira Guerra Mundial e passou a fazer parte da URSS em 1922, logo após a concretização da vitória dos bolcheviques. Passaram-se algumas décadas até que o país conseguiu definitivamente sua

independência em dezembro de 1991, com o fim da URSS (WOOD *et al*, 2016), adquirindo as dimensões que tem hoje. Em dezembro de 1991, a Ucrânia ingressou como membro da Comunidade dos Estados Independentes (CEI), sob forte influência política, econômica e militar russa.

No início do século XXI, o descontentamento de parte da população ucraniana, em especial na capital Kiev, fez com que seu governo cedesse às reivindicações dos civis e se aproximasse do Ocidente. Entre os pontos cruciais para isso estão a possível adesão à Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e a elaboração de um acordo de membresia da Ucrânia com a União Europeia (UE), que teve papel de escudo no que tange às estratégias geopolíticas da Rússia (DIAS, 2015). A Ucrânia estava saindo da zona de influência russa e dirigindo-se para as zonas de influência política, econômica e militar ocidental, lideradas pelos EUA e União Europeia.

Quer pelo peso que a Ucrânia tem no xadrez político e de segurança europeu alargado, quer pelo envolvimento direto ou indireto da Rússia nestes eventos, a verdade é que a crise ucraniana extravasou os limites nacionais e assume-se hoje como um episódio incontornável das relações internacionais (DIAS, 2015 p. 49).

Diante do rompimento dos históricos laços políticos e culturais comuns entre Rússia e Ucrâ-

nia, e a recente aproximação desta com os membros da OTAN e União Europeia, a Rússia sentiu-se ameaçada, sobretudo em vulnerabilizar sua saída para o Mar Negro através do Porto de Sebastopol, localizado na Crimeia, que lhe dá acesso às águas quentes navegáveis e exploração de hidrocarbonetos.

Concomitante a isso, em 2013, o então presidente da Ucrânia Viktor Yanukovich desistiu de seguir com o acordo de livre comércio com a União Europeia, alegando que buscava relações comerciais mais próximas com a Rússia. Devido a esse movimento pró Rússia, a oposição e parte da população se posicionaram e foram para as ruas protestar. Em 22 de fevereiro de 2014 houve manifestações que culminaram na destituição do presidente e na antecipação das eleições para 25 de maio daquele ano, cujo movimento de protesto ficou conhecido como Euromaidan. Neste período, houve a criação de um partido pró-União Europeia e anti-Rússia, o que foi de encontro ao desejo de parte significativa da população residente na Ucrânia nas regiões sul, leste e centro-leste, cuja população tem inclinação pró-Rússia e iniciaram movimentos separatistas. A deflagração do conflito entre Rússia e Ucrânia começa quando após a realização de um referendo que consultava a população residente na Crimeia em relação ao seu interesse em ter autonomia e aderir à Federação Russa, justificada pelos fortes laços históricos e cultu-

rais da população residente nesta península com a história e cultura russa (DIAS, 2015).

Após a anexação da Criméia, outros eventos eclodiram como os movimentos separatistas nos oblasts ucranianos de Lugansk e Donetsk (apoiados financeiramente e militarmente pela Rússia). Os Acordos de Minsk I e II foram acordados para tentar pôr fim ao conflito no leste ucraniano entre os separatistas pró-Rússia e o exército ucraniano previa um cessar-fogo a partir de 15 de fevereiro de 2015, a retirada de artilharia pesada, a criação de uma zona de segurança e a entrega do controle total da fronteira à Ucrânia até o final de 2015 (GRESSEL, 2015). Os Acordos de Minsk não foram suficientes para estabelecer a paz entre esses dois países e o litígio se estendeu, sobretudo quando Putin declarou que esses não tinham mais efeito a partir do reconhecimento pela Rússia da independência dos oblasts de Donetsk e Lugansk.

A partir de 2021, o governo russo iniciou um reforço militar nas fronteiras e foi questão de tempo para que o governo autorizasse o uso da força, ultrapassando-as em 24 de fevereiro de 2022. Uma das justificativas utilizadas pela Rússia para deflagrar o conflito, chamando de "Operação Especial", seria para manter a Ucrânia na sua zona de influência e conter o avanço da OTAN. Outra exigência seria a remoção das armas nucleares norte-americanas da Europa e a retirada de batalhões multinacionais da OTAN da Polônia e dos Es-

tados bálticos da Estônia, Letônia e Lituânia, os quais outrora pertenceram à União Soviética (FARBER e BALMFORTH, 2021). Como consequência da invasão russa à Ucrânia, a União Europeia impôs diversas sanções ao país em pontos financeiros, visando minar a atuação do maior banco russo, o Sberbank, também atrapalhando a comunicação ao proibir a atuação de canais de notícias russos na Europa, além de embargos às vendas de petróleo russo para o continente (DEUTSCHE WELLE, 2022).

Como retaliação, a Rússia fez grandes reduções no fornecimento de gás natural aos países da União Europeia, acarretando na redução de mais da metade do combustível fornecido, sendo que o fornecimento de 140 bcm (bilhões de metros cúbicos) exportados pela Rússia para a Europa no ano de 2021, foi limitado para cerca de 60 bcm em 2022. Isso fez com que os países europeus procurassem novos parceiros comerciais, recorrendo ao Oriente Médio, aos EUA e aos países nórdicos, notadamente a Noruega, para que pudessem manter seus estoques de energia (IEA, 2022).

Sabe-se que o conflito supracitado gerou uma nova crise diplomática regional, que também tem afetado as arenas multilaterais, a destacar as reuniões do G7, G20 e Conselho de Segurança da ONU e, a mais sensível, que é a crise humanitária decorrentes da morte de milhares de pessoas, dos feridos e o deslocamento de milhões de pessoas,

notadamente crianças, jovens, mulheres e idosos. Porém outra camada de crise e insegurança pode ser acrescentada.

Segundo Dalby (2024) a invasão da Rússia na Ucrânia gerou duas crises de segurança: a crise militar que tem relação direta com a expansão da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e a crise energética na Europa. Em certo sentido, a crise militar reacendeu o medo das intenções russas no continente, ao passo que a crise energética foi associada à quebra de abastecimento de combustível relacionada aos conflitos no Oriente Médio e às crises do petróleo nos anos de 1970. O autor acrescenta que a crise ecológica derivada da exploração desenfreada da natureza e a velocidade das transformações que a economia global está causando no Sistema Terra, tornará ainda mais recorrente as crises relacionadas à (in)segurança energética.

Diante da conjuntura conflituosa e distanciamento entre Rússia e Ucrânia, os impactos sociais, políticos e econômicos ultrapassaram as fronteiras destes dois países, e a Alemanha foi afetada, notadamente pela questão energética, conforme será apresentado a seguir.

A (IN)SEGURANÇA ENERGÉTICA NA ALEMANHA DIANTE DO CONFLITO RÚSSIA-UCRÂNIA

No início dos anos 1970, a Alemanha teve sua demanda energética aumentada exponencialmente e, assim, devido aos embargos impostos ao petróleo proveniente do Oriente Médio - consequências da Crise do Petróleo de 1973, decidiu apostar na exploração da energia nuclear como a principal fonte para o país, com plano de alcançar cerca de 50% da fonte de energia primária do país até o ano 2000 (BRÜGGEMEIER, 2017).

Após a tragédia ocorrida em Chernobyl houve grande pressão da população alemã pelo fim dos investimentos na exploração de urânio e da energia atômica, além da retomada do uso do carvão, o qual, com uma tecnologia mais avançada, poderia gerar impactos ambientais um pouco menores (BRÜGGEMEIER, 2017). Isso também impulsionou a necessidade das negociações junto à antiga URSS para a importação de seu gás natural.

Em paralelo, a Alemanha via a necessidade de uma produção energética mais limpa e que pudesse ser realizada dentro do país, para que não dependesse de atores externos, dando início à “Energiewende”, o plano de transformação das fontes de energia alemã. No início dos anos 2000 foi publicada a EEG (“Erneuerbare-Energien-

Gesetz”), também conhecida como a “Lei de Energias Renováveis” (BRÜGGEMEIER, 2017).

A EEG, que já foi renovada diversas vezes até os dias atuais, entrou em vigor na Alemanha com o objetivo de abrir, de vez, as portas do país para a gradual adoção do consumo de energias sustentáveis, se tornando cada vez mais prioritárias com o foco de, eventualmente, chegarem a substituir os combustíveis fósseis (RENEWABLE ENERGY SOURCES ACT, 2000). A Alemanha via na cooperação com a Rússia uma alternativa ao petróleo com a importação de gás natural, combustível em abundância no território da antiga União Soviética (SULLIVAN, 2022).

Em 2005, Gerhard Schröder, chanceler alemão à época, e Vladimir Putin chegaram a um acordo para a criação de um novo gasoduto para transportar o gás natural russo diretamente de Vyborg, na Rússia, até a cidade alemã Greifswald, no Norte da Alemanha, passando diretamente pelo Mar Báltico, através da empresa russa Gazprom, evitando assim qualquer custo adicional por ter de passar pelo território de outros países (KNIGHT, 2021).

O primeiro gasoduto Nord Stream foi inaugurado em 2011, após cerca de seis anos de planejamentos e obras, contando com mais de 1200 km e com a capacidade de enviar até 55 bilhões de metros cúbicos de gás natural para a Europa por ano. Este projeto foi extremamente estratégico

para a Alemanha visto que, além de suprir suas necessidades energéticas, ainda serviria como a porta de entrada do gás russo para toda a parte Ocidental do continente. A Rússia, por outro lado, conseguiu um comprador fixo para seu combustível, gerando significativa renda ao país e aumentando sua área de influência (KNIGHT, 2021).

O sucesso do gasoduto foi tanto que, em 2015, sob o governo de Angela Merkel, chanceler alemã na época, foi fechado um acordo para a criação do gasoduto Nord Stream 2, em um formato muito similar ao primeiro, mas indo de UST-Luga, na Rússia, a Greifswald, na Alemanha, dobrando a capacidade de fornecimento de combustível que existia com apenas um gasoduto. Também foram necessários anos de planejamento e execução, e o projeto ficou pronto em 2021 (KNIGHT, 2021), com 1.234 km de ligação entre a Rússia até a Alemanha, atravessando o Mar Báltico, financiado pela empresa de energia russa Gazprom.

Até o final de 2021, a Rússia fornecia mais da metade do gás natural utilizado pela produção energética alemã, contudo, com a gradual redução do fornecimento russo durante o conflito em 2022, a Alemanha acabou passando por um processo de descontinuação da dependência de gás natural que o país possuía perante a Rússia, encontrando na Holanda e na Noruega novos fornecedores (WETTENGEL, 2023).

Contudo, ainda que tenha conseguido no-

vos abastecedores de gás natural, a Alemanha ainda sofreu com quedas, tanto no consumo quanto na quantidade desse combustível importado disponível ao país, o que indica a necessidade de cobrir esse desabastecimento com novos parceiros comerciais ou novas alternativas energéticas. O volume total importado caiu de cerca de 1.652 TWh (Terawatt-hora) em 2021 para aproximadamente 1.449 TWh no ano de 2022, enquanto o consumo de gás natural como um todo apresentou uma queda de aproximadamente 14% quando comparado ao ano anterior (BUNDESNETZAGENTUR, 2023).

Além disso, em setembro de 2022 foram detectados vazamentos e explosões nos dois gasodutos Nord Streams, em pontos próximos à Dinamarca e à Suécia, e foram descobertas crateras de origem não natural na infraestrutura junto a restos de explosivos, indicando uma possível sabotagem ao sistema de envio de gás. Apesar de acusações terem sido feitas com relação à autoria dos ataques, ainda não se chegou a um consenso e nem a um veredito final sobre quem teria os realizado e coordenado o ataque (LUSA, 2022).

Para conseguir facilitar a importação de gás de outros países, a Alemanha também buscou construir uma plataforma de importação de GNL (gás natural liquefeito), que serve para alterar o estado do gás para líquido e facilitar seu transporte; além de investir em outras fontes de energia

como por exemplo o hidrogênio verde e seus derivados. Além da instabilidade no fornecimento do gás natural e do rumo contrário ao processo de transição energética que era vivida de maneira intensa e aplicada pelo país antes de toda a crise, a libertação da dependência russa, também tem se mostrado extremamente cara para a Alemanha, que teve de aprovar cerca de \$9.8 bilhões de euros para a construção da plataforma e sua manutenção até 2038, valor que provavelmente será ainda maior segundo o ministério da economia alemão (ECKERT, 2023).

OS IMPACTOS DO CONFLITO RÚSSIA-UCRÂNIA NA ALEMANHA A PARTIR DOS DADOS DO EUROBARÓMETRO

O Eurobarómetro é um instrumento de análise oficial utilizado pelo Parlamento Europeu, a Comissão Europeia e outras instituições e agências da União Europeia para monitorar regularmente o estado da opinião pública na Europa sobre questões relacionadas ao processo de integração regional, bem como assuntos de natureza política ou social. Criado em 1974, tem em sua essência “revelar os europeus a si mesmos” e passou por várias melhorias, como por exemplo, a evolução das suas ferramentas de pesquisa. Em 2007 o Parlamento Europeu decidiu iniciar suas próprias pes-

quisas, focadas em temas específicos, inclusive informações sobre as eleições europeias (PARLAMENTO EUROPEU, 2023).

Com o objetivo de compreender de que forma o conflito Rússia-Ucrânia está afetando a população europeia e alemã, no que tange a dependência que a Alemanha tem da Rússia em relação ao abastecimento energético e os impactos nos âmbitos econômico e social, optou-se por coletar dados secundários a partir do relatório do Eurobarômetro de 2022 e dados primários com a aplicação de entrevistas face a face. As figuras a seguir foram extraídas do relatório do Eurobarômetro, publicado pela Comissão Europeia em 2022, e apresentam dados quali-quantitativos sobre a opinião pública dos europeus. A sigla para Alemanha em alemão é *Deutschland* (DE) com a bandeira do país, enquanto a União Europeia é representada pela sigla *Europäische Union* (EU) e a bandeira azul com estrelas.

A Figura 1 do Eurobarômetro traz a evolução das respostas dos europeus e da população alemã quando questionados sobre as expectativas que tinham em relação à melhora ou piora da economia nos próximos doze meses. A partir desses dados pode-se inferir que os alemães estavam com visão menos otimista com relação a uma possível melhora econômica dentro do país, quando comparada à população geral consultada da União Europeia. Isso se denota pelo aumento massivo dos endossos de

que a situação do próximo semestre de 2022 seria ainda pior quando comparado ao Eurobarômetro que realizou essa mesma pergunta durante o período do Inverno 2021/2022 da Europa.

Figura 1 - Evolutivo das expectativas de melhora ou piora da situação econômica para a população alemã diante dos próximos doze meses (2022)

QA2.3. What are your expectations for the next twelve months: will the next twelve months be better, worse or the same, when it comes to...?
The economic situation in (OUR COUNTRY) (%)

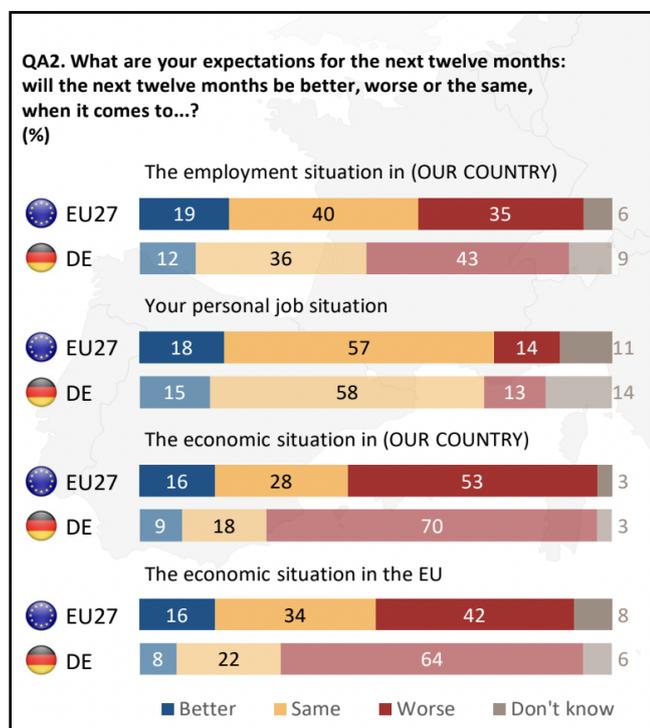
	EU27		DE	
	ST97 Sum. 22	Δ ST96 Win. 21/22	ST97 Sum. 22	Δ ST96 Win. 21/22
Better	16	-12	9	-22
Same	28	-9	18	-23
Worse	53	+22	70	+44
Don't know	3	-1	3	+1

Fonte: Summer Eurobarometer (2022)

Diante disso, deduzimos que as grandes preocupações do povo alemão estavam ligadas principalmente aos problemas de abastecimento energético e à questão da inflação, do aumento no custo de vida e da alta dos preços dos produtos, ambas as questões derivadas da crise da Covid-19 e agravadas com o conflito entre Rússia e Ucrânia, que ocasionou a inflação galopante em toda a Europa e causou grande instabilidade energética em todo o continente e, em especial, na Alemanha.

Já no que tange às preocupações empregatícias, a Figura 2 nos apresenta que este não era um dos maiores medos dos europeus como um todo, ao passo que cerca de 43% dos alemães acreditavam que a situação empregatícia no seu país iria piorar no curto prazo. No entanto, quanto à manutenção do seu próprio trabalho, os alemães demonstraram maior confiança, com 58% dos entrevistados acreditando que haveria estabilidade. Desta forma, de modo geral, o que angustiou a população alemã foi a incerteza econômica, tendo em vista que cerca de 64% dos entrevistados acreditavam que os próximos 12 meses seriam desafiadores.

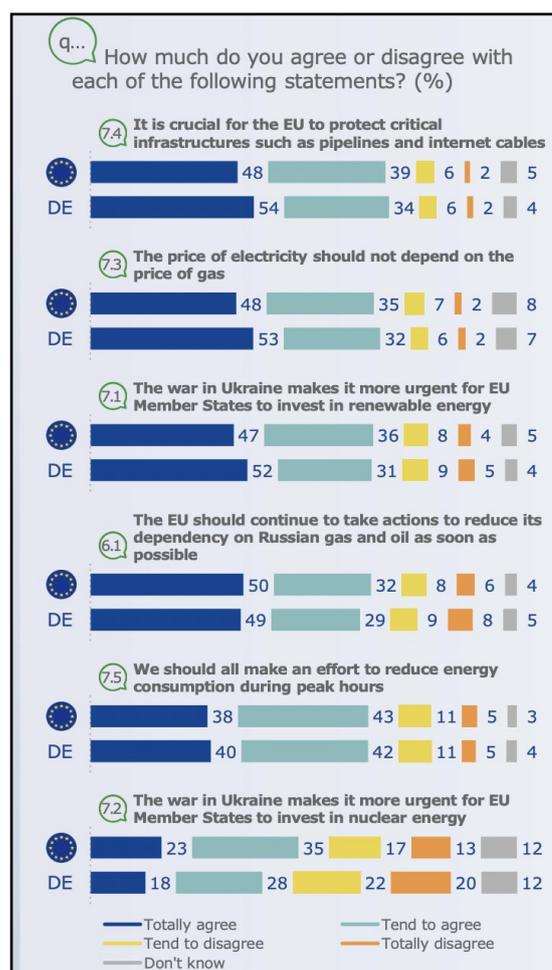
Figura 2 - Perspectivas Econômicas da população europeia e alemã para os próximos doze meses (2022)



Fonte: Summer Eurobarometer (2022)

Além disso, também é importante entender a visão dos europeus a respeito do conflito Rússia-Ucrânia. Para isso, os dados expressos na Figura 3, explicam em que medida o conflito propiciou um ambiente de insegurança, fazendo com que os Estados e seus povos voltassem a considerar a energia nuclear como uma forma de assegurar a sua autossuficiência energética, buscando mitigar os impactos sofridos devido à escassez de energia, notadamente o gás natural.

Figura 3 - Os Impactos da Conflito Rússia-Ucrânia nos Estados Europeus (2022)



Fonte: Flash Eurobarometer 514 (2022)

Devido à grande dependência do gás fornecido por outros Estados, como Holanda e Noruega, cerca de 85% da população alemã (entre concordam totalmente e tendem a concordar), não concordam que os preços da eletricidade deveriam depender do preço do gás, majoritariamente fornecido pela Rússia, o que de fato, desencadeou um comprometimento e preocupação da população alemã com a segurança energética.

Outro ponto importante é que, devido ao ambiente hostil que a insegurança energética proporciona, os entrevistados de Estados na União Europeia, cerca de 58% (entre aqueles que concordam totalmente e tendem a concordar) da população, concorda que a guerra da Rússia-Ucrânia tem aumentado a urgência dos Estados membros da UE em investir em energia nuclear. Essa opção pró energia nuclear vai contra os princípios da Alemanha, que há muitos anos tem sido referência no investimento em pesquisa e desenvolvimento em novas fontes de energias limpas e renováveis.

A respeito das medidas tomadas pela União Europeia em resposta ao conflito Rússia-Ucrânia, o Eurobarómetro nos mostra que a opinião da população alemã e de outros países da União Europeia é semelhante. Cerca de 85% da população (entre concordam totalmente e tendem a concordar) apoiam o suporte às pessoas afetadas pela guerra (Flash Eurobarometer 514, 2022, p.2).

A PERCEPÇÃO DOS ENTREVISTADOS RESIDENTES NA ALEMANHA EM RELAÇÃO AO CONFLITO RÚSSIA-UCRÂNIA

A fim de obter mais uma fonte de pesquisa que propicia reforçar a compreensão das consequências do conflito Rússia-Ucrânia para a Alemanha, optou-se pela realização de uma pesquisa qualitativa com pessoas que viviam no país, sendo três alemães (E2, E3 e E4) e um brasileiro (E1). Com essas respostas poderia se confirmar se o conflito estava impactando diretamente ou não no estilo de vida dos residentes neste país.

De acordo com os entrevistados E1 (homem, estudante) e E2 (mulher, estudante) houve um aumento considerável nos preços de itens básicos desde o início do conflito, como a energia, essencial para o aquecimento dos ambientes (principalmente durante o rigoroso inverno europeu), os alimentos mais simples, como arroz, leite, carne, e os combustíveis. Adicionalmente, foi mencionado que o uso de energia passou a ser restrito, dado que estavam poupando muito mais energia do que em períodos anteriores ao conflito, alterando seu estilo de vida em relação ao consumo energético. Em relação aos alimentos, ambos entrevistados mencionaram que estavam selecionando de maneira mais cuidadosa e prudente, visando não

desperdiçar ou gastar demais em comidas que normalmente seriam mais baratas.

É importante ressaltar que através de benefícios, o governo alemão buscou incentivar a redução do uso de energia de seus cidadãos, o que deu um certo alívio à população ao propiciar as reduções dos impactos do conflito no aumento de preços final do país, “amortecendo” um pouco mais a inflação. Neste sentido, os entrevistados E2 e E3 (homem, professor) ressaltam que tiveram auxílio do governo em relação às contas de energia. O entrevistado E3 afirmou que “o auxílio do governo ajudou. [...] ganhei um auxílio de 300 euros”.

Segundo os depoimentos obtidos, não houve mudanças drásticas e definitivas no estilo de vida da população alemã; e, sim, na mentalidade e ajuste de comportamento, pois há tempos não sofriram com a escassez de produtos e aumento da inflação. Segundo um dos entrevistados: “o que mudou é o sentimento de segurança em relação a entrar numa guerra e a falta de energia ou alimentos”. Ou seja, o estilo de vida do alemão médio foi alterado parcialmente, inclusive pela ‘atmosfera’ de instabilidade e incerteza gerada pelo conflito, intensificando a sensação de insegurança, acentuada pela ameaça (há muito não sentida) de possibilidade real de escassez de energia e de alimentos.

Quando questionados a respeito das ações

do governo quanto à transição energética, entre os depoimentos foi unânime o apoio às mesmas, enfatizado por um dos entrevistados da seguinte forma:

Quase 90% dos alemães apoiam a transformação do cenário energético para energia renovável. Os alemães de diversas faixas etárias, renda e escolaridade apoiam essa transformação. Entretanto, existe uma parte dos cidadãos que consideram a transição extremamente custosa, e criticam o fato de que uma parcela menos favorecida dos indivíduos esteja arcando com os custos desta transição energética (Entrevistado E3).

Dessa forma, pode-se perceber que o agravamento do problema energético da Alemanha não tem alterado a percepção positiva de seus cidadãos perante a transição energética, mas entendem que os custos são significativos para ampliar o desenvolvimento e uso de energias renováveis na matriz energética alemã. A principal preocupação dos entrevistados é a de um possível agravamento do conflito, que poderia gerar desdobramentos bastante negativos para a Alemanha e para toda a União Europeia.

A fim de compreender como funciona o processo legislativo alemão no que tange às questões energéticas, o entrevistado E4 (homem, colaborador de uma instituição financeira alemã), menciona que há, de fato, grande participação do

Poder Executivo, através do Ministério específico, quanto a atuação do Poder Legislativo, através do Congresso Nacional que representa a população:

O Ministério Federal para Assuntos Econômicos e Proteção Climática (BMWK) é o responsável no governo federal alemão na área de fornecimento de energia. Mas o Bundestag alemão (Congresso) certamente também está envolvido nessas questões, como legislador, por exemplo com a Lei de Proteção do Clima, em seus trabalhos de comitê (especialmente o Comitê de Proteção do Clima e Energia e o Comitê Econômico), mas também através dos contatos e viagens de delegação dos membros eleitos para (potenciais) países parceiros (Entrevistado E4).

Com a intenção de entender a percepção dos alemães sobre o relacionamento entre Brasil e Alemanha, o entrevistado E4 relatou que devido à parceria de longa data, na atualidade, o Governo Federal Alemão busca intensificar esse relacionamento por meio da cooperação em política energética com foco no hidrogênio verde. O que realmente pode ser confirmado com a visita do Ministro Federal da Economia, Robert Habeck, em março de 2023 ao Brasil. Neste sentido, foi citado que as tratativas para o desenvolvimento de uma planta de hidrogênio verde no Brasil estão aquecidas, especialmente a partir da assinatura de um memorando de entendimentos em março de 2023. Desta

forma, o colaborador E4 acredita que o hidrogênio verde é uma fonte de energia limpa com grande potencial a ser explorado no Brasil com investimentos alemães, e ainda pode trazer muitos frutos para esta parceria:

Portanto, pode-se supor que a cooperação germano-brasileira (setor público e privado) no campo do hidrogênio verde continuará a se aprofundar, com o objetivo de entregas para a Alemanha assim que a maturidade tecnológica e as condições gerais estiverem adequadas (Entrevistado E4).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da histórica relação entre Rússia e Ucrânia, na última década foi fortemente estremecida com a inclinação de parte do governo e da população ucraniana em alinhar-se aos países do Ocidente, como possível membro da União Europeia e da Organização do Tratado do Atlântico Norte. Entretanto, o território que hoje é a Ucrânia é muito estratégico para a Rússia, devido ao acesso ao Mar Negro e fontes de exploração de hidrocarbonetos e outros minerais. A Teoria do Poder Terrestre e a concepção do Heartland Euroasiático criados por Mackinder, são retomados na contemporaneidade para justificar as ações russas, percebidos com o apoio à autonomia e depois a anexação da Crimeia em 2014, e a invasão e conflito

dentro do território da Ucrânia a partir de fevereiro de 2022.

Os impactos do conflito entre Rússia e Ucrânia transcenderam suas fronteiras e foram sentidos em diversos lugares do mundo, em especial na Europa. O objeto da pesquisa que resultou neste artigo foi analisar em que medida o conflito supracitado gerou insegurança energética na Alemanha, devido a descontinuidade de fornecimento do gás natural russo para abastecimento do mercado consumidor alemão.

A partir das invasões russas à Ucrânia, a União Europeia e os aliados da OTAN realizaram sanções visando punir a Rússia, que reagiu diminuindo o fornecimento de gás até cortar completamente, em meados de setembro de 2022. Desta forma a Alemanha passou a enfrentar uma grave crise de abastecimento energético e para lidar com o problema, o governo orientou a economia e a população a reduzirem o consumo de gás natural. Mas, concomitantemente, outros problemas foram ocasionados, como a alta inflação nos preços de energia, alimentos e até de combustíveis, fato incomum para a população alemã.

Visando diminuir o nível de insegurança e crise, e não ficar mais “refém” do gás natural russo, a Alemanha destinou bilhões de euros para a construção de uma plataforma de GNL (gás natural liquefeito - a transformação do combustível em estado líquido, facilitando o transporte), possibili-

tando assim a importação do gás de novos parceiros comerciais, como a os EUA e países do Oriente Médio, e também ampliou a importação de parcerias mais antigas com países, como a Holanda e a Noruega, e assim aumentaram seu fornecimento à Alemanha.

Através dos estudos do Eurobarómetro e das entrevistas entendeu-se que apesar dos grandes impactos do conflito Rússia-Ucrânia, que afetaram diretamente a segurança energética na Alemanha, uma vez que o abastecimento e os preços de energia e de alimentos da Alemanha aumentaram consideravelmente, porém o cotidiano e os hábitos da população foram ajustados diante da conjuntura, mas não mudaram radicalmente. O aspecto que teve uma mudança mais significativa para os residentes na Alemanha foi o planejamento e a maneira de compra de alimentos. Todavia, não se pode olvidar de destacar que os dados do Eurobarómetro apontaram o aumento do pessimismo em relação à economia do país, as sensações de incerteza e insegurança energética e alimentar, além do receio diante de um possível agravamento e piora do conflito ou do surgimento de novos conflitos.

É notório que o conflito impulsionou as ações destinadas à segurança energética na Alemanha acelerando o seu processo de transição energética, investindo em fontes alternativas para diminuir seu nível de dependência de combustíveis

fósseis e fornecedores desta fonte. Destaca-se o trabalho que o país tem feito em negociações junto ao Brasil, tornando pioneira a cooperação técnica e financeira no desenvolvimento de projetos para exploração de hidrogênio verde, considerada de grande potencial e limpa.

Por fim, no que tange à segurança humana, o governo alemão tem trabalhado para conseguir manter a estabilidade no âmbito doméstico e, já obteve êxito, o que se comprova com a manutenção no estilo de vida dos alemães. Contudo, a insegurança é algo que permeia a mente dos cidadãos, devido ao receio de um agravamento do conflito no leste europeu. Esta condição justifica os investimentos do governo alemão em investir na ampliação de fontes energéticas renováveis, como o hidrogênio, e ampliação de parceiros fornecedores no continente europeu e extracontinentais, como o Brasil.

REFERÊNCIAS

AVÓ, Cesar. O que são os fracassados acordos de Minsk que Macron tenta recuperar? **Diário de Notícias** [16/02/2022]. Disponível em: <https://www.dn.pt/internacional/o-que-sao-os-fracassados-acordos-de-minsk-que-macron-tenta-recuperar--14592597.html>. Acesso em: 16 de abril de 2023.

BRÜGGEMEIER, Franz-Josef. **Sol, água, vento: O desenvolvimento da transição energética na Alemanha**. Bonn, Alemanha, 2017. Disponível em: <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/12076-20151203.pdf>. Acesso em: 19 de maio de 2023.

BUNDESNETZAGENTUR. **Bundesnetzagentur publishes gas supply figures for 2022**. Bonn, Alemanha, 2023. Disponível em: https://www.bundesnetzagentur.de/SharedDocs/Downloads/EN/BNetzA/PressSection/PressReleases/2023/20230109_GasRueckblick2022.pdf;jsessionid=22C2746F334D1C3F28EA34B2CDD52F35?__blob=publicationFile&v=2. Acesso em: 05 de junho de 2023.

WETTENGEL, Julian. Germany, EUA remain heavily dependent on imported fossil fuels. *Clean Energy Wire* [03/04/2024]. Disponível em: <https://www.cleanenergywire.org/factsheets/germanys-dependence-imported-fossil-fuels#fourb>. Acesso em: 22 de maio de 2023.

COSTA, Wanderley Messias da. O reerguimento da Rússia, os EUA/OTAN e a crise da Ucrânia: a Geopolítica da nova Ordem Mundial. **Confins**, nº 25, p. 1-23, 2015.

DALBY, Simon. Rethinking Firepower and Security Dilemmas in the Era of Climate Change. **Canadian Military Journal**, vol. 24, n. 1, winter 2024.

DEUTSCHE WELLE. UE aprova sexto pacote de sanções contra Moscou. **Deutsche Welle** [online], Brasil, 02 de junho de 2022. Conflitos - Europa. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/ue-aprova-sexto-pacote-de-san%C3%A7%C3%B5es-contra-moscou/a-62016510>. Acesso em: 22 de maio de 2023.

DEUTSCHE WELLE. 1922: Alemanha e URSS se reproximam após a 1ª Guerra. **Deutsche Welle** [online]. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/1922-alemanha-e-urss-se-reaproximam-ap%C3%B3s-1%C2%AA-guerra/a-306963>. Acesso em: 13 de maio de 2023.

DIAS, Vanda A. As dimensões interna e internacional da crise na Ucrânia. **Relações Internacionais**, Lisboa, p. 45-55. Março, 2015.

ECKERT, Vera. Germany certain to exceed 9.8 billion euro LNG terminal bill - Econ Min. **Reuters** [03/03/2023], Frankfurt, Alemanha. Disponível em: [https://www.reuters.com/business/energy/germany-certain-exceed-98-bln-eur-Ing-terminal-bill-econmin-2023-03-03/#:~:text=The%20Bundestag%20lower%20house%20of,issued%](https://www.reuters.com/business/energy/germany-certain-exceed-98-bln-eur-Ing-terminal-bill-econmin-2023-03-03/#:~:text=The%20Bundestag%20lower%20house%20of,issued%20by%20the%20Economy%20Ministry)

[20by%20the%20Economy%20Ministry](https://www.reuters.com/business/energy/germany-certain-exceed-98-bln-eur-Ing-terminal-bill-econmin-2023-03-03/#:~:text=The%20Bundestag%20lower%20house%20of,issued%20by%20the%20Economy%20Ministry). Acesso em: 31 de maio de 2023.

EUROPEAN PARLIAMENT. **What's Eurobarometer?** Disponível em: <https://www.europarl.europa.eu/at-your-service/de/be-heard/eurobarometer>. Acesso em: 15 de maio de 2023.

EUROPEAN PARLIAMENT. Flash Eurobarometer 514: EU's response to the energy challenges. Disponível em: <https://europa.eu/eurobarometer/surveys/detail/2912>. Acesso em: 15 de maio de 2023

FARBER, Gabrielle Tétrault; BALMFORTH, Tom. Russia demands NATO roll back from East Europe and stay out of Ukraine. **Reuters** [17/12/2021]. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/russia-unveils-security-guarantees-says-western-response-not-encouraging-2021-12-17/>. Acesso em: 07 de maio de 2023.

FEDERAL, Ministry for the Environment, Nature Conservation and Nuclear Safety. **Act on Granting Priority to Renewable Energy Sources (Renewable Energy Sources Act)**. Alemanha, março de 2020. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20160921012408/http://www.bmub.bund.de/fileadmin/bmu-import/files/pdfs/allgemein/application/pdf/res-act.pdf>. Acesso

em: 22 de maio de 2023.

FREITAS, Guilherme A.; DIAS, Mariana A.; PAZ, Otacílio L. de Souza. O Resgate da Teoria do Heartland de Mackinder no entendimento do conflito russo-ucraniano. **Caderno Intersaberes**, Curitiba, v. 11, n. 35, p. 172-189, 2022. Disponível em: <https://www.cadernosuninter.com/index.php/intersaberes/article/view/2346>. Acesso em: 06 de março de 2023.

GARCIA, Eugênio. **O Brasil e a Liga das Nações (1919-1926): Vencer ou não Perder**. Porto Alegre, Brasília: Editora da Universidade (UFRGS), Fundação Alexandre de Gusmão, 2000.

GEISSLER, Ralf. 1975: Assinada a Ata Final da CSCE. **Deutsche Welle** [online], Brasil, 01 de agosto de 2020. História - Europa. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/1975-assinada-a-ata-final-da-csce/a-319717>. Acesso em: 13 de maio de 2023.

GRESSEL, Gustav. The Ukraine-Russia War. **European Council on Foreign Relations**, 26 de janeiro de 2015. Disponível em: https://ecfr.eu/article/commentary_the_ukraine_russia_war411/. Acesso em: 7 de maio de 2023.

G1 **Entenda a Crise na Ucrânia**, 27 de julho de 2014. Disponível em: Fonte: <https://g1.globo.com/>

[mundo/noticia/2013/12/entenda-os-protestos-na-ucrania.html](https://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/12/entenda-os-protestos-na-ucrania.html). Acesso em: 07 de setembro de 2024.

HELERBROCK, Rafael. **Acidente de Chernobyl**. Brasil Escola [online], Brasil. História. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historia/chernobyl-acidente-nuclear.htm>. Acesso em: 13 de maio de 2023.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991** (tradução Marcos Santarrita; revisão técnica Maria Célia Paoli) São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

INTERNATIONAL ENERGY AGENCY - IEA. **How to Avoid Gas Shortages in the European Union in 2023**. Paris, dezembro/2022. Disponível em: <https://www.iea.org/reports/how-to-avoid-gas-shortages-in-the-european-union-in-2023>. Acesso em: 22 de maio de 2023.

IMUNA. **Russian Federation**. Disponível em: <https://www.imuna.org/resources/country-profiles/russian-federation>. Acesso em: 30 de abril de 2023.

JEIFETS, Víctor. Reflexiones sobre el centenario de la participación rusa en la Primera Guerra Mundial: entre el olvido histórico y los mitos modernos. **Anuario Colombiano de Historia Social y de la Cul-**

tura **42**, p. 177-201, 2015.

KNIGHT, Ben. The History of Nord Stream. **Deutsche Welle** [online], Europe, 23 de julho de 2021. Politics. Disponível em: <https://www.dw.com/en/the-history-of-nord-stream/a-58618313>. Acesso em: 13 de maio de 2023.

LUSA. Suécia: Explosões no Nord Stream revelam sabotagem. **Deutsche Welle** [online], Brasil, 18 de novembro de 2022. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/justi%C3%A7a-da-su%C3%A9cia-admite-que-explos%C3%B5es-no-nord-stream-revelam-sabotagem/a-63812418>. Acesso em: 22 de maio de 2023.

MASSIE, Robert K. **Nicholas and Alexandra The classic Account of the Fall of the Romanov Dynasty**, [online], p. 554, 2014.

MUDGE, Rob. O que é a Otan e por que ela foi criada. **Deutsche Welle** [online], Política - Europa. Brasil, 17 de maio de 2022. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/o-que-%C3%A9-a-otan-e-por-que-ela-foi-criada/a-60701303>. Acesso em: 21 de abril de 2023.

NORTH ATLANTIC TREATY ORGANIZATION. **Founding treaty**. Disponível em: https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_67656.htm. Acesso em: 21

de abril de 2023.

ROSEIRA, Marcos Antonio, O Mundo Tripolar - Geopolítica Russa no século XXI e a Nova Ordem Internacional. **GEOgraphia**, vol. 25, n. 54, 2023.

REPRESENTAÇÃO DA REPÚBLICA FEDERAL DA ALEMANHA NO BRASIL. **Visita ao Brasil do Vice-Chanceler e Ministro da Economia e Ação Climática da Alemanha, Robert Habeck, e do Ministro da Alimentação e Agricultura, Cem Özdemir**. Disponível em: <https://brasil.diplo.de/br-pt/noticias/-/2586022>. Acesso em: 05 de junho de 2023.

RUSSIAN & BEYOND. Grupos étnicos mais representativos da Rússia. **Russian & Beyond** [16/08/2013]. Disponível em: https://br.rbth.com/multimedia/infographics/2013/08/15/grupos-etnicos-mais-representativos-da-russia_21127. Acesso em: 11 de abril de 2023.

SIMÃO, Licínia. A Comunidade de Estados Independentes: desafios e resiliência. **JANUS 2015-2016 - Integração regional e multilateralismo**, Portugal, p. 118-119, 2016. Disponível em: https://repositorio.ual.pt/bitstream/11144/2961/1/3.9_LiciniaSimao_CEI.pdf. Acesso em: 15 de abril de 2023.

SINELSCHIKOVA, Ekaterina. Quantos grupos étnicos vivem na Rússia? **Russian & Beyond** [18/11/2021]. Disponível em: <https://br.rbth.com/estilo-de-vida/86094-quantos-grupos-etnicos-vivem-russia>. Acesso em: abril, 2023.

STIGLITZ, Joseph E. **Globalization and Its Discontents**. New York: W.W. Norton, 2002.

SULLIVAN, Arthur. Russian gas in Germany: A 50-year relationship. **Deutsche Welle** [online], Germany, 03 de setembro de 2022. Business. Disponível em: <https://www.dw.com/en/russian-gas-in-germany-a-complicated-50-year-relationship/a-61057166>. Acesso em: 13 de maio de 2023.

TROTSKY, Leon, 1879-1940. **A história da Revolução Russa** / Leon Trotsky; tradução de E. Huggins— Ed. do centenário-Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2017. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/discover?query=%A+Hist%C3%B3ria+da+Revolu%C3%A7%C3%A3o+Russa&submit=lr&filter_relational_operator_2=contains&filtertype_1=type_keyword&filter_relational_operator_1=notequals&filter_1=Artigo+de+jornal. Acesso em: 16 de abril de 2023.

UNITED NATIONS. **General Assembly Resolution Demands end to Russian Offensive in Ukraine**.

Disponível em: <https://news.un.org/en/story/2022/03/1113152>. Acesso em: 23 de outubro de 2024.

VILLA, Rafael; REIS, Rosana R. **A Segurança Internacional no Pós-Guerra Fria: Um Balanço da Teoria Tradicional e das Novas Agendas de Pesquisa**, BIB, São Paulo, n° 62, p. 19-5, 2° semestre de 2006.

WOOD, Elizabeth A. et al. **Roots of Russia's war in Ukraine**. Columbia University Press, 2016.

SANTOS, Jonathan C. D. dos. O conflito russo-ucraniano, disputas geopolíticas e o espaço geográfico: a competição pela hegemonia global. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 9, n. 27, p. 91–97, 2022. DOI: 10.5281/zenodo.6317358. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/589>. Acesso em: 27 out. 2024.